



GERALDO LOURENÇO

SÓCIO N.º 1



Caravanas da saudade

coberta escorregadia de navio em mar largo.

Um grupo, depois de bem regado jantar, veio completar as libações ao bar da terra. Logo apareceu a viola dedilhada pelo Areias moço de Benguela que as fainas do mar trouxeram também a Porto Amboim.

Assistência...a do costume, aquele que pontualmente, todas as noites, quando esgota os assuntos comuns, exercita a má-língua.

O “Viana”, que deve o nome artístico ao facto de ser da ribeirinha Viana do Castelo, arrancou com uma Granada, a que não faltava expressão, nem as prolongadas notas que acabam de repente e deixam o silêncio soberano em toda a sua grandeza. Apenas aqui e ali a cerveja armazenada dava o seu tom de revolta. Mas o “Viana” ia lá fora, ao escuro da rua, e regressava aliviado e artisticamente recuperado. E a linda canção da sua terra, apoiada pelo coro, rompia a estreita porta, atravessava a rua, entrava em casa dos vizinhos e os pássaros da noite, enroscados nas frondosas mulembas, ouviam atentos, talvez a copiar trinados que irão alterar os seus trechos seculares.

Nas falhas do “Viana”, quando metia nova cerveja ou despejava a velha, entrava em cena o fadista de gema. Moço franzino aloirado, de boa voz também, impregnado de fado da cabeça até aos pés.

Surpreendi-me a gritar “silêncio” que se vai cantar o fado.

E toda a assistência e os outros artistas impunham “chius” de respeito a um ou outro que a cerveja tornava exuberante em demasia. E foi o fado que dali saiu, talvez caricaturado, mas fado.

Nunca morri de amores pelo fado... até aquela noite.

Mas pela primeira vez na minha vida, senti os ininterruptos onze anos de ausência a borbulharem. Ou abusei do banho do mar e à noite o sal fazia a sua partidinha nuns olhos cansados da luminosidade tropical.

Afastando a cadeira mais para o escuro, vi um filme maravilhoso, colorido,

vi o Minho do “Viana”, todo ele um jardim verde, vi o Algarve do Vitalino, soalheiro e meio marroquino, vi a velha Alfama do fadista gingão e aloirado, cujas calças cobriam os sapatos e vi o setúbal, onde a miséria é factor comum de qualquer operação, onde o mar e o peixe e as casas de penhores se entrelaçam em estranha simbiose.

Virando ligeiramente a cadeira e atentando na baía, onde baloiçava o N.R.P. PRINCEPE, passaram no meu filme, em rápida sequência, o Lima e o Tejo, o Lima do “Viana” e o Tejo do fadista e o meu Sado, as primeiras águas vastas que aos olhos extasiados dum garoto na década de vinte, pareciam um mar sem fim. E logo aí ficou definido que esse garoto, já crescido, não ficaria limitado aos horizontes de lá.

Foi esta a **embaixada da saudade** que visitou Porto Amboim num domingo quente.

Trouxe saudade e transmitiu-a.

E fê-lo até sem nomes consagrados, ou talvez por isso mesmo. Foi o “Viana” e o “fadista” e aquele marinheiro que com as lágrimas nos olhos falava de Lisboa com o Areias, foi a assistência mole dum bar qualquer, em que havia beirões e extreminhos e transmontanos, foi tudo isso e mais a viola que o Sarmento emprestou e ainda a cerveja loira que espumava nos copos, foi tudo isso e mais qualquer coisa que é difícil explicar por palavras, foi tudo isso que fez dum grupo de marujos em porto de Angola, uma **embaixada da saudade**. ❌

Por razões de ordem política, mas essencialmente por questões económicas e sociais, Portugal é dos países da Europa com uma maior percentagem de emigrantes. Se nos quisermos dar ao trabalho do estudo no trajecto da emigração portuguesa, e apenas a partir de metade do século XX, facilmente concluiremos haver uma população a rondar os 5 milhões de portugueses, tendo em conta a primeira, segunda e terceira gerações desses emigrantes, a viverem fora de Portugal por longo tempo ou definitivamente. Países como América, Canadá e Austrália. Toda a Europa nomeadamente França. Foram e ainda o são, rotas de preferência, na emigração deste povo lusitano na procura do “el dourado”.

Em qualquer continente ou cidade deste planeta “azul desmaiado”, corremos sempre o risco de “chocar” com um português.

Afirmam os psicólogos, que ninguém foge à sua natureza e, os portugueses juntam a essa condição humana sentidos de sua origem: O conjunto dos factores dá saudade... Sentimento que cada um define à sua imagem e cada imagem ao seu tempo, forma e lugar.

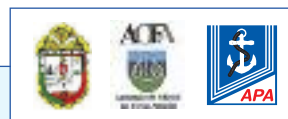
Os povos constroem à custa de sangue, coragem e vida o seu destino. O povo português com as mesmas armas e desígnios, constrói o seu fado...

Sempre que um **navio de guerra** português atraca a um porto distante, leva no seu bojo resquícios feitos com pedaços de terras distantes contendo mensagens inapagáveis na alma, que avivam e alimentam as linhas imaginárias que nos prendem às origens. Brotando em catadupa, quando na presença, da nostálgica **alcaxa** de um **Marujo**.

O artigo que vamos **TRANSCREVER**, com a devida vénia do jornal “Notícias do Cuanza Sul”, da autoria de M.G. – Foi publicado em 1963. Reza assim:

EMBAIXADA DA SAUDADE

Numa noite quente e sem estrelas vieram a terra os marujos. A tradicional calça larga a cobrir todo o sapato, o andar gingão e ondulado como se as ruas da vila fossem



FUNDO DE SOLIDARIEDADE

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Balcão: Rua do Ouro

Nº Conta: 0697632073300

NIB: 0035 0697 00632073300 73

IBAN:PT50003506970063207330073

Valor do Fundo de Solidariedade em 25 de Fevereiro

6018,46€